

PALESTRA



proferida em Caçapava

por

ocasião do centenario

da

guerra dos farrapos

20 - 9 - 1935



Sinval Saldanha

*do cons. amigo major José Pinto
da Fonseca Guimarães 07. 8*

PALESTRA

Sinval
1.12.1935

proferida em Caçapava

por

ocasião do centenario

da

guerra dos farrapos

20 - 9 - 1935



Sinval Saldanha

Exmas. Sras. e Srs.

Sejam as primeiras palavras uma saudação ao povo caçapavano, em cujo seio transe correu feliz e des-cuidada a minha meninice. Sinto-me bem, depois de longa ausencia, volvendo ao convívio carinhoso e ami-go, onde floresceram os meus primeiros sonhos de moço e onde passei dias dos mais felizes da minha vida.

Povo simples e bom, no alto da serra batida pelos ventos, o minuano que aqui passa cantando retem-pera as suas fibras.

Isolado nestas paragens, conserva todo o vigor da raça, e, na simplicidade de sua vida, mantém os tra-ços caraterísticos dos antepassados, que são todo o nos-so orgulho. Cavalheiresco e nobre, cultiva a tradição, como se vê nestas homenagens aos centauros da liber-dade de 35.

O clima ameno, a terra uberrima, as pastagens excelentes, a riqueza imensa do sub-solo, tudo garante um futuro de prosperidade economica a esta região. Os vales da sua serra, pouco povoados ainda, antigo celei-ro do trigo, hão de produzir de novo, em grande escala, o precioso cereal, especialmente quando o silvo da loco-motiva anunciar ao homem que a exportação garanti-rá a recompensa do seu trabalho.

Alvigareiras esperanças nos dizem que este dia não tarda, para bem de tão vasta e rica zona do Rio Grande do Sul. Os capitaes hão de afluir e a explora-ção do mineiro abundante constituirá uma das fontes da sua grandeza economica.

Tudo indica que no centro do Estado está adorme-cida, esperando a ação dos homens, uma imensa ri-queza.

Quem vem da estrada de Cachoeira, ao chegar á cerca de pedras, vê emergir, de repente, uma casaria

branca do seio da paizagem verdejante — é Caçapava. E o viajor, no alto da serra, em pleno planalto, tem diante dos olhos estasiados panorama deslumbrante, um cenario admiravel de poesia e de beleza. Vales e quebradas, canhadões e desfiladeiros, capoeiras e mataria densa, regatos que serpenteiam pelos desvãos da serra altaneira, tudo eu vencia na perseguição á caça fujidia! E ao me achar de novo sob o céu azul do lindo descampado, trago um abraço aos companheiros que aqui vivem e um preito de saudade aos que já repousam na mansão da morte.

A palavra Caçapava deriva da lingua tupí-guaraní e quer dizer campestre ou clareira na mata.

Como outras cidades do Estado, Caçapava surgiu de um acampamento militar.

Os charrúas, indios cavaleiros, aqui tinham o seu pouso.

Ponto estrategico por excellencia, os cimos destes serros são baluartes, guardando ainda hoje o *forte*, que desafia o tempo.

Aqui os heróes farrapos quasi dois anos tiveram o centro da sua ação, a séde do seu governo. Essa honra que festejamos, a gloria que cantamos, vendo passar o dia do centenario da data memoravel.

Não vou fazer uma conferencia sobre o decenio glorioso. O assunto, vasto e inesgotavel, me levaria longe, e eu não quero abusar muito da vossa paciencia. Apenas passarei em revista os feitos principaes desse capitulo dignificante da nossa historia.

Cangados de esperar providencias contra os desmandos do governo provincial, sem esperanças de ver o governo central atender ás reclamações sobre os atos de seus prepostos, sem garantias, os seus direitos violados, homens de valor e responsabilidade, como Bento Gonçalves, chefe do partido liberal, entederam que uma solução pelas armas impunha-se ao brio dos riograndenses altivos.

A idéa germinou; confabularam e passaram em seguida á conspiração. O movimento rebentou a 20 de setembro de 1835. Bem organizado, triumphou na capital sem derramamente de sangue.

Fernandes Braga, o presidente da provincia, quiz resistir, mas, sem alimentos, fugiu por agua para a cidade do Rio Grande, e dali passou-se ao Rio de Janeiro.

Os chefes rebeldes, espiritosde organização, providenciaram logo no sentido de evitar a anarquia. Chamaram a assumir a direção dos negocios publicos o vice presidente Dr. Marciano Ribeiro.

E a revolução se alastrou a seguir, triunfante por todo o Estado. Não era absolutamente, a principio, seu pensamento a separação ou a republica, muito embora houvesse entre os vencedores do dia elementos valerosos que a desejavam. O fim da revolução não era abolir a constituição do paiz, mas consolida-la, garantir as liberdades violadas, sustentando no trono D. Pedro II e a integridade do imperio.

O desenrolar dos acontecimentos trouxe como consequencia a separação da provincia e a proclamação da republica riograndense.

O espirito revolucionario empolgara toda a provincia. O gabinete que dirigia os destinos da nação não soube ou não quiz compreender toda a extensão do movimento. Apesar de não ter o governo central respondido á comunicação que fizeram, os revolucionarios esperaram, todos obedientes, a vinda do presidente que fosse nomeado.

A nomeeação recaiu no Dr. Araujo Ribeiro, riograndense illustre, homem de alto valor, deputado geral pela provincia, diplomata distinto que representara o Brasil nas cortes européas.

Veio só, sem armas e sem soldados. O seu pensamento era a conciliação.

Errou, porém, nos meios de atingil-a. Erros hou-

ve, então, de ambas as partes, dos quaes resultou a epopéia, que durou dez anos.

Araujo Ribeiro teria acertado si viesse governar com o partido liberal vencedor, a grande maioria no Estado. O erro talvez não tivesse sido seu, mas do governo imperial. Em vez de vir logo para Porto Alegre assumir o elevado cargo, deixou-se ficar em Rio Grande e Pelotas, onde teve repetidas conferencias com homens suspeitos á revolução vitoriosa.

Começaram daí as desconfianças, partidas dos elementos exaltados. Viam estes intenções hostis nos atos de Araujo Ribeiro, a quem acusavam de não ter trazido as garantias necessarias. A imprensa rompeu violentamente o fogo e concitou o povo a não deixar perecer as conquistas da revolução. Pregava o regimen federativo como unica solução para os males do Brasil.

Venceu o grupo exaltado. A assembléa provincial negou-se por unanimidade, a dar posse a Araujo Ribeiro.

Este acontecimento desgostou a muitos revolucionarios moderados.

O presidente retirou-se, então, para a cidade do Rio Grande, tendo antes combinado com o general Bento Manoel Ribeiro, que fôra um dos chefes do movimento, medidas de reação. Chegando áquella cidade, assumiu o governo da provincia perante a camara municipal. Comunicou á assembléa, e esta, convidou-o a vir ratificar, perante ela, o ato da sua posse, sob pena de não reconhecer-lhe a autoridade. O presidente prometeu vir, mas não veio, ficando desse modo a provincia com dois governos.

Já antes da vinda de Araujo Ribeiro houvera alguns encontros sangrentos entre as forças inimigas. Depois do que narramos, é que a guerra civil verdadeiramente se alastrou no sólo gaúcho.

Os legalistas tinham como seus principaes defensores Bento Manoel Ribeiro, João da Silva Tavares,

Chico Pedro o celebre Moringue, Antonio de Medeiros Costa, Marquez de Souza e outros.

Nas fileiras farroupilhas se encontravam Bento Gonçalves, Antonio de Souza Neto, David Canabarro, João Manoel de Lima e Silva, Corte Real, José Piniheiro de Ulhôa Cintra, Onofre Pires, João Antonio da Silveira, Antonio Vicente e Antonio Paulo da Fontoura, José Vasconcelos Jardim, José Mariano de Matos, Domingos Crescencio e tantos outros.

Feriram-se numerosos combates, na maioria dos quaes saíram vencedoras as armas farroupilhas.

Foi uma luta titanica. Sem recursos muitas vezes, resistindo ás balas do inimigo, que era todo o imperio, ao frio intenso da campanha, mal vestidos, andrajosos, donde lhes veio o apelido de farrapos, resistiram dez anos num heroismo sem par.

Não foram vencidos! Uma paz honrosa e digna, o governo central teve de lhes oferecer. Por essa porta larga saíram da guerra e voltaram á paz dos saudosos lares abandonados.

Em junho de 1836 estalou uma contra-revolução em Porto Alegre, chefiada pelo major Marquez de Souza.

O Dr. Marciano Ribeiro foi deposto, e preso com muitos companheiros remetido para a Capital Federal.

Esse golpe feriu fundo a causa dos farrapos. O presidente Araujo Ribeiro transportou-se então para Porto Alegre. Os intrepidos guerrilheiros não desanimaram e proseguiram a luta, que violenta se desencadeava.

A 11 de setembro desse anno Antonio de Souza Neto, ao começar o celebre combate do Seival, gritou aos seus soldados — “Camaradas, não quero ouvir um tiro! Seja a carga á espada e á lança!” E assim se fez! João da Silva Tavares, comandante das tropas imperiaes, vendo sua gente dizimada pelas arremetidas da heroica cavalaria farrapa, debandou, deixando ven-

cedoras no campo da batalha as hostes farroupilhas. Neto acampou logo após o combate nas margens do rio Jaguarão. Ali, sob o entusiasmo da vitória, declarou a província livre e independente, dando-lhe o nome de Republica Riograndense.

Esse feito glorioso das armas revolucionarias reanimou por toda a parte o espirito da revolução.

Pouco depois o desastre da Ilha do Fanfa, o maior revéz sofrido pelos farroupilhas, não conseguiu abater-lhes o animo.

Bento Gonçalves, Onofre Pires, Zambecari, são feitos prisioneiros e enviados para o Rio de Janeiro.

Além de gente, os farrapos perderam armamento e munição nesse combate, em que foram atacados por agua e por terra.

Mas homens da estatura daqueles que impunham o pendão, que é hoje a bandeira riograndense, não recuam ante sacrificio algum e, firmes, sem esmorecimentos, continuaram a batalhar por um regimen de ordem e liberdade na província que tanto amavam.

A cinco de novembro de 1836 a camara municipal de Piratiní, secundando a de Jaguarão, declarou-se pela republica.

Alí presentes os dirigentes da revolução, inclusive João Manoel de Lima e Silva, general em chefe do exercito, procedeu-se á escolha dos membros do governo que deveria dirigir os destinos da nova republica. E a vila historica ficou sendo a sua séde.

Coube a presidencia a Bento Gonçalves, justa homenagem ao benemerito rio-grandense, áquella hora encerrado na fortaleza de S. Cruz, no Rio de Janeiro.

Como seu substituto, durante o impedimento, assumiu as redeas da governança o cidadão José de Vasconcelos Jardim.

Fôram escolhidos vice-presidentes Domingos José de Almeida, Antonio Paulo da Fontoura e Inacio José de Oliveira Guimarães.

Gomes Jardim organsou em seguida o ministerio, nomeando Domingos José de Almeida para a pasta do Interior e interino da Fazenda; José Pinheiro de Ulhôa Cintra para a da Justiça e interino do Exterior; José Mariano de Matos para a da Guerra e interino da Marinha.

Faço agora um parentesis á minha exposição, para falar de dois nomes illustres, pelos quaes Caçapava deve ter um culto especial de veneração — João Manoel de Lima e Silva e José Pinheiro de Ulhôa Cintra. — O primeiro, nascido no Rio de Janeiro, era descendente de umas das familias mais illustres do Brasil. Era filho do marechal de campo José Joaquim de Lima e Silva, irmão do regente do imperio e tio, portanto, do duque de Caxias, mais tarde o pacificador da provincia.

Casou-se em Porto Alegre com Da. Maria Joaquina Corte Real, deixando dois filhos — Francisco e José de Lima e Silva.

Era uma das maiores figuras da revolução e foi verdadeiro organisador do exercito.

Como official que era, muito jovem ainda, serviu no exercito brasileiro por ocasião da guerra da independencia uruguaia. Era major e comandava um batalhão em Missões quando rebentou o movimento de 20 de setembro. Com extraordinaria rapidez chegou á capital com os seus comandados e assumiu logo o cargo de comandante das armas. O governo do Dr. Maciano Ribeiro nomeou-o general da revolução, "tendo na mais distinta consideração o merecimento, valor, patriotismo e relevantes serviços que havia prestado á causa da liberdade rio-grandense". Tinha então 30 anos de idade, o mais moço dos generaes farroupilhas.

Ferido gravemente na face em um sangrento combate, perto de Pelotas, pouco depois foi obrigado a deixar as tropas afim de ir tratar da saúde em Montevideo. Não restabelecido de todo, voltou e apresentou-se

ao governo em Piratini. Comissionado para ir a Alegrete e S. Luiz, partiu logo após. Estando neste ultimo municipio foi de surpresa aprisionado e em seguida covarde e miseravelmente assassinado pelo capitão indio Roque, da escolta que o conduzia. Isto em 1837. O assassino, tempos depois feito prisioneiro, foi fuzilado pelos farrapos.

Dois anos mais tarde, sendo já Caçapava a séde do governo, a jovem republica prestou á memoria do seu denodado servidor tocantes homenagens.

Mandou buscar seus restos mortaes que estavam em S. Borja e levantou no cemiterio da cidade um mausoléu digno do seu nome, para guardal-os. Esse mausoléu existe ainda, todos vós o conheceis, porém, não como era ao ser erigido. Mãos sacrilegas, num gesto de selvageria inqualificavel profanaram o tumulto do heroe. Um piquete das forças do general imperialista João Paulo dos Santos Barreto praticou essa inominavel faganha. O troféu de armas que adornava o mausoléu, os emblemas da gloria de Lima e Silva, tudo que podia lembrar aquele nome illustre foi destruido pelos brutos nesse nefando atentado.

Desmoronaram paredes, e arrebataram a urna que continha os seus restos. Atirando-a ao chão, os hunos passaram a cavalo sobre ela, que assim ficou em pedaços. Os ossos do inclito general foram espalhados em seguida pelo campo em fóra, numa atrocidade execranda, que se não descreve.

E saibam todos, tudo isso se fez depois de cerca de tres anos da sua morte!

Bem disse o narrador desse tristissimo episodio da guerra — “Quantos crimes em um só crime perpetraram”!

Enganaram-se os vandalas. A profanação das cinzas de Lima e Silva, longe de aproveitar á causa do imperio, tornou maior o insigne farrapo, cujo nome

reavivou-se no coração dos patriotas rio-grandenses, passando á historia aureolado de martirio.

José Pinheiro de Ulhôa Cintra nasceu em S. João d'El-Rey, Minas Geraes, em 25 de março de 1806. Casou em Rio Pardo, em 1838, com Da. Ricarda Coelho de Magalhães. Desse consorcio houve os seguintes filhos:

1.º — *Francisca de Ulhôa Cintra*, que casou, em primeiras nupcias, com João Ricardo de Almeida. Deste matrimonio houve um filho — João Ricardo de Almeida — Em segundas nupcias Francisca casou com João Teixeira de Carvalho, havendo os filhos — Honorina, Jayme, Benjamin, Amelia e Olimpia Cintra de Carvalho.

2.º — *Maria José de Ulhôa Cintra*, que casou, mas não deixou descendentes.

3.º — *Jayme Pinheiro de Ulhôa Cintra*, casado com Da. Maria Izabel de Souza. Deixou este casal os filhos — Ricarda, Maria Angelina, José Pinheiro, Maria Augusta e Robertina de Ulhôa Cintra.

José Pinheiro, o Juca, tinha o nome do avô. Faleceu moço ainda, engenheiro militar, uma das esperanças do exercito brasileiro; casado com Da. Carmela Leite, deixou dois filhos — José hoje capitão do exercito, e Carmelita.

Robertina casou com Antonio Alves de Oliveira, havendo os seguintes filhos — Alceu, Aldo, Alter, Alvaro e Alba.

4.º — *Ricarda de Ulhôa Cintra*, que casou com Pedro Antonio de Souza, deixando uma filha — Da. Maria Angelica de Souza (+) casada com João Pedro de Miranda. Este casal tem os seguintes filhos — Waldomiro, Wladimir, Wantuil, Walfredo, Adail e Alda.

5.º — *Ana de Ulhôa Cintra* casou com José Placido Gonçalves Meirelles, deixando uma filha — Maria da Gloria Meirelles. Esta casou, em primeiras nupcias com Epaminondas Pereira de Campos, havendo do ca-

(1) casou em Caxapava a 15 dezembro 1889

S. Joâo Saldanha m. em 15-12-1

sal um filho — Epamiondas — o Campinhos. — Em segundas nupcias casou com Praxedes Augusto Morocines Borba, official do exercito, nascendo desse casal Nayde, hoje casada com o Dr. João Corrêa Pires.

6.º — *Joana de Ulhôa Cintra* morreu solteira.

Eis aí, incompleta embora, a lista dos descendentes de Ulhôa Cintra.

O pae, desejando fazel-o padre, matriculou-o num seminario, que ele cursou até o ultimo ano. Pouco antes de se ordenar comprehendeu a falta de vocação para esse mistér e abandonou aquelle estabelecimento.

Isto causou grande desgostos á familia, que queria ter um de seus filhos no cléro brasileiro, aliás como acontecia a quasi todas as familias de representação daquelle época. Desobedecendo á vontade paterna com a sua attitude, resolveu deixar Minas Geraes. Conseguiu dinheiro emprestado com um tio residente no Rio de Janeiro e veio para o Rio Grande do Sul, fixando residencia em Rio Pardo. Ali conheceu Da. Ricarda, filha de Da. Maria Antonia Coelho de Magalhães, que tinha terras no “Dorasnal”, as quaes pertencem ainda hoje a alguns de seus descendentes.

Casando, transportou-se para Caçapava, onde abriu banca de advogado, função essa que exerceu até o fim da vida.

Era poeta. Conhecemos algumas poesias impregnadas de lirismo, satiricas outras, da sua lavra.

Representou o povo rio-grandense em varias legislaturas da assembléa provincial. Era deputado quando rebentou o movimento farroupilha. Em 1843 vemo-lo, elemento de destaque, como constituinte na celebre assembléa de Alegrete, sendo um dos redatores e o primeiro sinatario do projeto de constituição.

Jornalista de merecimento, colaborador do “O Povo”, órgão official do governo republicano, jornal que se publicava em Piratini e depois em Caçapava.

Foi uma das figuras pensantes da revolução.

Feita a paz, e voltando o Rio Grande á communhão brasileira, Ulhôa Cintra é eleito repetidas vezes para o mesmo cargo.

Em 1867, ainda tinha assento na assembléa o venerando cidadão como membro da comissão de contas dos municipios. Daí por diante não aparece mais o seu nome entre os membros daquela casa.

Silveira Martins, o gigante da palavra, era também deputado nessa legislatura, e levantava já o vôo da sua eloquencia, que mais tarde fora tão alto.

Taes eram o serviço e o merecimento de Ulhôa Cintra que, ao organisar-se o governo da nova republica, em Piratini, Gomes Jardim, o presidente em exercicio, nomeou-o ministro da justiça e interino do estrangeiro, como atraz dissemos.

Os motivos que o levaram a deixar esse alto cargo não conhecemos. Falhos são os dados na nossa historia sobre esse ponto.

Acusado de haver abandonado a causa dos farrapos, defendeu-se cabalmente pela imprensa, mostrando que apenas discordava de atos dos dirigentes da republica, reafirmando a sua dedicação á gloriosa bandeira farroupilha. Entendia ele preferivel fazer-se a paz á continuação da luta pelo sistema de guerrilhas, as quaes só podiam arruinar a Patria, sem vantagens para os principios que sustentava a revolução.

E tanto se conservou fiel até o fim é que foi eleito deputado, como dissemos, á constituinte de Alegrete. Tivesse renegado á causa republicana e os farrapos certamente não lhe teriam outorgado esse honroso mandato.

Por decreto do governo foi nomeado coronel do exercito revolucionario. Exerceu o cargo de secretaria militar de Bento Gonçalves e pedois o de chefe do estado maior.

Esteve no Urugui em missão diplomatica representando o governo rio-grandense. Negociou com Arti-

gas um acordo de auxilio reciproco, o qual não chegou a se tornar efetivo.

Homem de carater austero, gozava de grande consideração e todo o respeito no meio em que vivia. Era um original. Recordo que na minha infancia, de quando em vez, ouvia falar do velho Pinheiro, assim o povo o chamava. Contavam-se excentricidades da sua velhice honrada e veneranda. Era um idealista, sonhando o advento de um regimem que o tempo não podia comportar ainda.

Lendo o processo que a justiça imperial moveu contra os chefes farrapos, encontramos o nome de Ulhôa Cintra entre os réus por crime de rebelião, sedição, peculato, cumplicidade de homicidio, roubos e outros crimes graves. O processo chegou até á pronuncia, tendo sido decretada a prisão dos cupados pelo juiz Manoel José da Camara. Esse processo foi arquivado anos depois por motivo da anistia e está sendo publicado agora pelo governo na Capital Federal, como subsidio para a nossa historia.

Faleceu em 24 de Julho de 1883.

Morreu pobre, como quasi todos os chefes daquela decada memoravel.

Podemos consideral-o caçapavano. Aqui viveu a maior parte de sua existencia; aqui nasceram-lhes os filhos; aqui dorme o derradeiro somno; aqui um dia terá o monumento a que fez júz a sua vida exemplar.

Senhoras e senhores, um minuto de pé, em religioso silencio, á memoria de José Pinheiro de Ulhôa Cintra.

Encerrado o parêntesis, continuo a narrativa dos acontecimentos.

Num ato mal inspirado, o governo imperial substituiu Araujo Ribeiro, nomeando em seu lugar o brigadeiro Antero de Brito. Isto desgostou a muita gente, inclusive a Bento Manoel Ribeiro, prestigioso gene-

ral, cujas atitudes inconstantes, servindo ora a uns ora a outros, ainda hoje se discute. Alguns o defendem e a maioria o acusa de traidor.

A' historia cumpre esclarecer definitivamente os gestos do bravo e famoso militar.

O novo presidente imperialista, espirito exaltado, desde logo quiz fazer guerra de exterminio.

Sabedor das intenções de Bento Manoel, que até pensava em depol-o para recolocar Araujo Ribeiro, exonerou-o do comando das armas e partiu para o interior da provincia no intuito de prendel-o. Saíu-lhe, porém, o trunfo ás avessas. O guerrilheiro foi ao encontro do presidente Antero e o aprisionou. Foi ele conservado em prisão até 1838, quando trocaram-no pelo farrapo Francisco Xavier do Amaral, prisioneiro dos legalistas.

Bento Manoel voltou, assim, de novo para junto dos antigos companheiros, a defender a bandeira revolucionaria.

— Caçapava estava em poder dos imperiaes, cujas forças eram comandadas por João Crisostomo. Defendiam a praça 540 homens com treze bocas de fogo. Aproximava-se um exercito farroupilha, tendo á frente Neto, Canabarro e outros, num total de 1.500 homens.

Nesse meio tempo appareceu na cidade o Tte. Manoel Luiz Osorio, mais tarde o heroe do Paraguai, o legendario Marquez do Herval, o qual aqui tinha a familia. Vendo a situação, aconselhou o comandante a retirar-se com sua gente, ante á inutilidade da resistencia. João Crisostomo vacilou e, quando quiz sair, foi tarde. Entregou-se sem combater, com toda a sua tropa.

Osorio, com 39 soldados conseguiu burlar o sitio, rumo a Rio Pardo, onde se juntou ás forças legalistas, em que servia.

Os farrapos occuparam então Caçapava, para onde foi transferido seu governo em fevereiro de 1839.

Festas e aclamações receberam os republicanos aqui chegando, Bento Gonçalves á frente.

A' noite houve iluminação, e a banda do maestro Mendana percorreu, tocando marchas festivas, as ruas principaes. Girandolas de foguetes a cada instante, alegria geral, emfim.

Uma imponente solenidade religiosa, assistida pelos membros do governo, celebrou-se na igreja matriz, officinando o padre Fidencio.

A camara municipal reuniu-se extraordinariamente e declarou-se pela republica. Os vereadores caçapavanos eram João Raimundo da Silva, Valeriano Antonio de Araujo, Lucio Jaime de Figueiredo, Luiz Machado Teixeira, Thomé José de Medeiros, Joaquim Fidelis Rodrigues e Silva e Firmino Maria Martins.

Aqui permaneceu o governo republicano da provincia durante quasi dois anos, transportando-se depois para Alegrete, onde ficou até a terminação da guerra civil.

Entre outras festas ficou celebre o baile que aqui se realisou no primeiro aniversario da vitoria das armas farroupilhas em Rio Pardo.

Vamos descrevel-o segundo os proprios termos do jornal que então se publicava em Caçapava, "O Povo".

"A's sete horas da noite a amplissima sala do baile, e os numerosos quartos, corredores, e salas menores do vasto edificio onde ele teve lugar se achavam quasi intransitaveis pela affluencia dos convidados que ali se haviam reunido. Cento e cincoenta senhoras e mais de duzentos e trinta cidadãos mal se podiam mover naquella amplo recinto. Foi pre ciso economisar as distancias e observar a mais estrita regularidade nos lugares á cada um assinalados, para que podessem formar-se as contradanças.

Antes que elas principiassem, postos de pé em torno do pavilhão, todos os cidadãos e senhoras convi-

dados cantou-se, acompanhado de musica, o Himno da Nação.

A' meia noite passaram os alegres e felizes pares á mesa do fiambre e desta a do doce, onde se levantaram varios brindes.

Restituídos os convivas novamente á sala do baile continuou a dança até ás 3 horas da manhã, momento em que todos se separaram dando fim ao mesmo baile.

Não é facil descrever a conformidade de espirito, união, ordem, prazer e harmonia que constantemente reinavam entre tão avultado concurso de cidadãos. Animados do mais puro e vivo entusiasmo patriótico, eles se identificaram com o sublime objeto do nacional regosijo e julgaram pagar um tributo de gratidão aos vencedores de Rio Pardo, observando neste pensamento todas as potencias da alma. O prazer que desfrutavam, as sensações deliciosas que sentiam de gozar da sociabilidade e trato das nossos encantadoras patricias eles todos preteriram ao grande objeto do dia e desejavam lhes fosse dado o dom de transferir e comunicar aos vencedores de Jacuí o supremo prazer que experimentavam.

Brilhou naquela noite o belo sexo elegante, mas modestamente trajado, como convém á simplicidade republicana, como convém á amabilidade e á formosura que não precisam de postiços e extranhos atavios, do luxo e da pompa para se fazerem recomendaveis. Levavam todas as senhoras ao peito o laço da Nação e os homens um raminho de herba-mate atado comfitas das cores nacionaes.

Foram as mesas servidas com o maior asseio, delicadeza, gosto e profusão. Preciso foi estendel-as em um estenso pateo, pois seria impossivel deparar com salas suficientemente amplas para receberem tantos convidados. Toldos de finissimas telas cobriam todo aquele espaço gracioso. Arcos de ramos abriam comodos

transitos por onde os convivas circulavam. Uma brilhante iluminação esclarecia aquele recinto que todos os visos tinha de encantado.

Não era porem inferior em elegancia, bom gosto e delicadeza a linda sala do baile que uma torrente de luzes inundava.

Pode dizer-se que só nos faltou naquela ocasião, para encher a medida de tão puros e permitidos prazeres, a presença da maior parte dos bravos do nosso exercito, que o dever e o patriotismo retém no sitio de Porto Alegre, ou que devorados do desejo ardente de medir suas espadas com o perfido inimigo, que a medo e a furto ousou passar o S. Gonçalo, voaram ao seu encontro, para punil-o, e, deuma vez escarmental-o.

Duas cousas restam ainda a comentar na descrição deste publico festejo: 1.º — que as despezas foram feitas por um unico patriota, e, não a custa do tesouro ou com dinheiro roubado dos cofres publicos, como costumam banquetear-se no Rio de Janeiro os ministros do jovem coroadado. 2.º — que durante este solene regosijo não houve um cidadão que se lembrasse de que o exercito comandado pelo implume João de Barros acabava de passar o S. Gonçalo. Tal é o desprezo em que são tidas pelos republicanos rio-grandenses as forças imperiaes”.

Em Alegrete reuniu-se a assembléa constituinte, que não poudé terminar a sua missão. A decadencia do movimento se acentuavá dia a dia. Divergencias graves surgiam entre seus principaes chefes, enfraquecendo a causa pela qual ha tantos anos se batiam heroicamente.

Bento Gongalves, desgostoso com a forte e violenta opposição que lhe faziam, deixou o governo e continuou no campo ensanguentado da luta.

Episodios emocionantes de bravura e de heroismo ocorreram durante a pugna gigantesca, os quaes honrariam a historia de qualquer povo.

Citarei alguns:

— Os intrepidos farroupilhas levaram até S. Catarina a bandeira republicana. David Canabarro por terra e Garibaldi por agua, atacaram Laguna, e, dominando o sul daquela provincia, ali proclamaram a republica e estabeleceram um governo provisorio, que teve efemera duração.

— Garibaldi, mais tarde cognominado o heroe dos dois mundos, transportou por terra, da Lagôa dos Patos ao mar, os seus navios. Quarenta juntas de bois pucharam os dois barcos numa extensão de mais de seis leguas.

Nessa expedição conheceu em Laguna á Anita, a companheira inseparavel das suas glorias. Ao lado do companheiro tomava parte ativa nos combates.

Um dia aprisionaram-na. A' noite conseguiu fugir ao inimigo e foi juntar-se á Garibaldi.

Homisiou-se numa modêsta casa de Mostardas e ali deu a luz ao seu primeiro filho — Menoti, que morreu general do exercito italiano.

Quando a creança tinha poucos dias ainda, avizinhou-se uma escolta, para prendel-a.

Avisada a tempo, montou a cavallo sem tardança e partiu ádisparada, o filhinho ao colo, conseguindo escapar á furia dos perseguidores. Algum tempo depois eil-a de novo junto á Garibaldi, para não mais separar-se dele, até a morte nos seus braços, quando o insigne soldadoda liberdade, em plena guerra, via quasi desfeito o grande sonho da unificação da Italia.

E lá em Caprera os dois heróes, lado a lado, dormem o ultimo somno. A historia, o marmore e o bronze eternisaram os seus feitos e as suas glorias!

— Os farrapos ocupavam um fortim no estreito de Itapoan, entrada da Lagôa dos Patos. Vinte e tres homens o guarneciam. Atacados por uma força de 250 resistiram e travou-se renhido combate.

A fuzilaria os ia dizimando e eles não se entrega-

vam. Por fim restava só Simeão Barreto, o comandante. Vendo-se só, perdidos todos os companheiros, lança um ultimo olhar aos bravos que morreram, e, subindo ao alto rochedo, atira-se ás aguas que lhe dão a morte.

E, coincidencia interessante... Xavier da Cunha, o legalista que comandava os atacantes desse forte, mezes depois perto de S. Vitoria, num encontro sangrento pereceu afogado tambem.

Os coroneis Onofre Pires e Corte Real fugiram a nado da prisão em que se achavam, na fortaleza de S. Cruz, no Rio de Janeiro. E tempos depois é de vellos novamente no teatro da guerra, a lutar pela mesma bandeira.

Tiveram ambos um fim tragico.

Côrte Real foi assassinado por uma escolta legalista quando descuidado se achava na estancia de um amigo, perto da Barra do Ribeiro.

Onofre Pires, ja quasi no fim da revolução, bateu-se em duelo á espada com Bento Gonçalves. Os dois valentes chefes farrapos, sem que ninguem visse, saíram do acampamento e foram resolver pelas armas uma questão de honra. Sem testemunhas cruzaram os ferros largo tempo, até que Bento Gonçalves, mais agil, conseguiu ferir no braço ao valoroso adversario, que não poudo continuar. O vencedor socorreu como poudo a Onofre, procurando estancar uma forte hemorragia.

Dois dias depois Onofre morria em consequencia do ferimento.

Ainda o ano passado, viajando a Pernambuco, o Estado que tem lances dramaticos como o nosso na sua historia, quando o vapor entrava o porto da Baía, ao ver o velho forte do mar, veio-me á lembrança o vulto heroico e grandioso de Bento Gonçalves. O meu olhar alongou-se pela vastidão das aguas que ele vencera nadando, até alcançar a canôa dos pescadores de Itaparica.

E a ilha gloriosa de grandes feitos de antigas guerras, recebeu e escondeu carinhosamente o fígitivo. Bento Gonçalves dias depois, em navio estrangeiro, disfarçado, tomou o rumo do Sul. Desembarcando nas costas de S. Catarina, ansioso por se ver novamente entre os companheiros de gloria e de infortunio, seguiu por terra, sem demora.

Mal montado, já em territorio gaúcho, chegou á estancia de uma viuva e pediu um cavalo.

Esta negou, dizendo que tinha sómente um escondido no mato, o qual só daria ao chefe farroupilha, quando ele fugisse da Baía.

— Pois eu sou Bento Gonçalves, esclama o recém chegado.

Dentro em pouco, bem montado no cavalo gordo é lindo que a Senhora lhe destinara, segiu rumo das forças amigas, que ignoravam ainda a fuga dramatica do grande heróe.

E chegando assumiu a presidencia da Republica, o posto de honra e de sacrificio.

Proximo á Pelotas, o “Minuano”, pequeno barco, foi atacado por outro muito mais forte que o intimou a render-se. Travou-se o combate na escuridão da noite. Tres quartos de hora de fuzilaria esgotaram a munição do navio farroupilha. O inimigo mais forte aproximou-se para a abordagem. Tobias da Silva, o comandante do “Minuano”, não se rende. Nova intimação da canhoneira legalista, que já mui perto vinha para aprisionar a fragil embarcação e seus tripulantes.

Tobias, que tinha a bordo a mulher e os filhos, não era homem que se entregasse. Preferiu a morte de todos á capitulação.

Correu ao paiol da polvora e em seguida uma formidavel explosão incendiou o “Minuano”, que pouco depois desaparecia com sua gente na profundez das aguas.

Diversas tentativas de pacificação fracassaram,

uma delas sob a presidencia do general Soares Andréa, mais tarde Barão de Caçapava. Foi este general, portuguez de nascimento, que anos depois mandou levantar o “forte”, que vemos, e que muitas gerações vindouras hão de contemplar ainda.

O imperio, finalmente, teve um dia a feliz idéa de mandar Caxias como comandante das armas e presidente da provincia. Esse notavel vulto da historia brasileira bem comprehendeu a necessidade da paz, e, fazendo justiça aos designios farroupilhas, promoveu a reconciliação do Rio Grande com o imperio do Brasil. Conseguiu a deposição das armas mediante condições dignas para os denodados farrapos, que, dispostos a prosseguir na guerra, não cediam um passo no caminho da dignidade e da honra. Altivos, serenos, na convicção do dever cumprido, alongariam o sacrificio na defesa dos brios rio-grandenses.

Oposição houve de alguns ao pacto estabelecido.

Antonio de Souza Neto, irreconciliavel com o Imperio, retirou-se para o Estado Oriental, onde passou a residir após á pacificação.

Entre os motivos que levaram os chefes a assinar a paz figurava a iminencia de uma guerra do Brasil com a Republica Argentina, então governada pelo tirano Rosas.

Deram, assim, uma prova de patriotismo, e amor á Nação Brasileira, de que se haviam desligado por circumstancias imperiosas.

Alguns dos chefes farrapos prestaram ainda depois serviços á causa do Brasil.

Ulhôa Cintra foi deputado á assembléa provincial em varias legislaturas.

José Mariano de Matos, que fora ministro da guerra dos farrapos, em 1864 occupou o mesmo cargo no governo do imperio.

Antonio de Souza Neto e David Canabarro,

quando rompeu a guerra do Paraguai, apresentaram-se, reuniram forças, e seguiram a defender a Patria.

Neto doente, morreu em Corrientes, na barraca em que vivera tantos anos a combater pela liberdade nas coxilhas do Rio Grande.

O imperador D. Pedro II, logo após á pacificação, veio a este Estado e quiz falar a Bento Gonçalves. Apertaram-se as mãos em Porto Alegre num encontro amistoso.

O monarcabrasileiro quiz, naturalmente, nesse gesto mostrar que desejava desaparecessem os ressentimentos reciprocos, que ficaram, certo, da longa e sangrenta guerra civil.

Em Julho de 1890 o Snr. Heraclito Americano lembrou pela imprensa que se tornasse o estandarte farrapilha a bandeira official do Estado. No mez seguinte o digno cidadão e propagandista da republica Snr. Bento Rosa propoz á junta municipal da Estrela que se solicitasse ao governo um decreto nesse sentido, ao mesmo tempo que convidava todas as municipalidades a secundarem esse apelo. Estas atenderam, exceto a de Camaquã, que recusou por julgar o pavilhão dos farrapos uma bandeira separatista.

Reunida a constituinte riograndense, o Sr. Heraclito Americano perante esta advogou a lembrança que tivera.

Pouco depois tornou-se vitoriosa a ideia com a officialisação decretada pelo governo do Rio Grande. 1)

A federação e a republica eram a aspiração dos farrapos. Não queriam o desmembramento da Patria,

1) O Snr. Heitor Corrêa, de Pelotas, reivindica para a Aliança Republicana daquela cidade a gloria da iniciativa. Informa que o secretario de então daquela agremiação politica, antes de qualquer outro cidadão lembrou que se fizesse do glorioso pavilhão dos farrapos a bandeira riograndense. A directoria aprovou, por unanimidade, uma moção nesse sentido, pedindo ao mesmo tempo ao governo do Estado decretasse feriado o dia 20 de setembro.

tanto que apelaram para as demais provincias do Brasil no sentido de que elas se unissem ao Rio Grande numa republica federativa.

Superiores á sua época, os revolucionarios advogavam principios que somente cincoenta e tantos anos mais tarde se tornaram vitoriosos, com o advento do actual regimen que possuimos.

O Rio Grande hoje, num preito que honra a cultura e o carater da sua gente, levanta bem alto o nome dos intrepidos e valorosos farroupilhas.

Um himno á memoria desses maiores, que souberam viver e morrer por um ideal.

A nós, a geração que passa, cumpre seguir o exemplo edificante, trabalhando por um Rio Grande prospero e feliz, por um Brasil melhor, enriquecido e respeitado no concerto das nações civilisadas.

E, si a republica que temos não é o sonho de 35, nem por isso devemos concorrer para seu maior descredito, ou abandona-la, de vez. Antes o dever civico impõe que tudo se faça por aperfeicoa-la, afim de que, minorando os males que nos afligem, possa resolver os grandes problemas da nacionalidade.

E, pondo a nossa confiança em Deus, os olhos fitos no auriverde pendão da nossa terra, façamos todos, no grande dia de hoje, um voto ardente, de civismo, pelo progresso da Nação, pela felicidade, emfim da linda e amada Patria Brasileira, irmanados os seus filhos numa aspiração comum de ordem e liberdade.

